

# O CASO ALASKA SANDERS

JOËL DICKER



## NA VÉSPERA DO ASSASSINATO

*Sexta-feira, 2 de abril de 1999*

A última pessoa a vê-la com vida foi Lewis Jacob, o proprietário de uma estação de serviço situada na Estrada Nacional 21. Eram 19:30 quando este se preparou para fechar o estabelecimento contíguo às bombas de gasolina. Ia levar a mulher a jantar fora, para festejarem o seu aniversário.

— Tens a certeza de que não te faz diferença seres tu a fechar? — perguntou à empregada atrás da caixa.

— Absoluta, senhor Jacob.

— Obrigado, Alaska.

Por um instante, Lewis Jacob contemplou a rapariga: uma beleza. Um raio de sol. E que elegância! Depois de seis meses a trabalhar ali, mudara a sua vida.

— E tu? — perguntou ele. — Tens planos para hoje à noite?

— Tenho um encontro...

Ela sorriu.

— Estás com cara de que é mais do que um *encontro*.

— Um jantar romântico — confessou.

— O Walter tem sorte — disse-lhe Lewis. — Então, as coisas estão melhores entre vocês?

Em resposta, Alaska encolheu os ombros. Lewis ajeitou a gravata no reflexo de um vidro.

- Como é que estou? — perguntou.
- Está perfeito. Vá, vá-se embora, não se atrase.
- Bom fim de semana, Alaska. Até segunda.
- Bom fim de semana, senhor Jacob.

Ela sorriu-lhe novo. Ele nunca haveria de esquecer esse sorriso.

No dia seguinte de manhã, às 7 horas, Lewis Jacob estava de regresso à estação de serviço para assumir a abertura. Mal chegou, fechou atrás de si a porta do estabelecimento, preparando-se para receber os primeiros clientes. De repente, ouviu umas pancadas frenéticas contra a porta envidraçada: virou-se e viu uma rapariga em fato de treino, com um rosto aterrorizado e aos gritos. Precipitou-se para abrir a porta, e a jovem lançou-se a ele aos berros: «Chame a polícia! Chame a polícia!»

Nessa manhã, o destino de uma pequena cidade de New Hampshire alterar-se-ia para sempre.

---

PRÓLOGO

A propósito do que aconteceu  
em 2010

Os anos decorridos entre 2006 e 2010, apesar dos triunfos e glórias que me trouxeram, inscrevem-se na minha memória como anos difíceis. Pelos seus altos e baixos, foram como as montanhas-russas da minha existência.

Assim, no momento de vos contar a história de Alaska Sanders, encontrada morta a 3 de Abril de 1999 em Mount Pleasant, New Hampshire, e antes de vos explicar como fui, no decorrer do verão de 2010, envolvido nessa investigação criminal já com onze anos, devo primeiro lembrar a minha situação pessoal nessa altura, e em especial o percurso da minha jovem carreira de escritor.

Esta conheceria um arranque fulminante em 2006, com um primeiro romance que vendeu milhões de exemplares. Com apenas vinte e seis anos, eu entrava no clube restrito dos autores ricos e célebres e fui catapultado para o auge das letras americanas.

Mas depressa descobriria que a glória não era desprovida de consequências: aqueles que me seguem desde o início sabem como o imenso sucesso do meu primeiro romance acabou por me destabilizar. Esmagado pela celebridade, via-me incapaz de escrever. Um escritor bloqueado, sem inspiração. A crise da página em branco. A queda.

Depois, seguiu-se o caso Harry Quebert, de que certamente ouviram falar. A 12 de junho de 2008, o corpo de Nola Kellergan, desaparecida em 1975 com quinze anos de idade, foi desenterrado no jardim de Harry Quebert, lenda da literatura americana. Esse caso afetou-me profundamente: Harry Quebert era um antigo professor meu da universidade, mas era, sobretudo, o meu amigo mais próximo nessa época. Eu não conseguia acreditar na sua culpa. Sozinho contra todos, percorri New Hampshire para realizar a minha própria investigação. E, embora, no fim, tenha conseguido provar a inocência de Harry, os segredos que descobri sobre ele quebraram a nossa amizade.

Dessa investigação, extrai um livro: *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, publicado a meio do outono de 2009 e cujo imenso sucesso me instalou definitivamente como um escritor de importância nacional. Esse livro era a confirmação pela qual os meus leitores e a crítica esperavam desde o meu primeiro romance, para, finalmente, me consagrarem. Eu já não era um prodígio efémero, uma estrela-cadente engolida pela noite, um rasto de pólvora já consumida: era, a partir de então, um escritor reconhecido pelo público e legitimado entre os seus pares. Senti com isso um imenso alívio. Como se me tivesse reencontrado depois de três anos perdido no deserto do sucesso.

Foi assim que, no decurso das três últimas semanas do ano de 2009, fui invadido por uma sensação de serenidade. Na noite de 31 de dezembro, celebrei a chegada do Ano Novo em Times Square, no meio de uma multidão alegre. Não me dedicava a essa tradição desde 2006. Desde a publicação do meu primeiro livro. Nessa noite, anónimo entre os anónimos, senti-me bem. O meu olhar cruzou-se com o de uma mulher que me agradou de imediato. Ela

estava a beber champanhe. Ofereceu-me a sua garrafa, sorrindo.

Quando penso no que se passou durante os meses que se seguiram, lembro-me dessa cena, que me deu a ilusão de, finalmente, ter encontrado a serenidade.

Os acontecimentos do ano de 2010 mostrar-me-iam que estava errado.

## NO DIA DO ASSASSINATO

*3 de abril de 1999*

Eram 7 horas da manhã. Ela corria, sozinha, ao longo da Estrada Nacional 21, numa paisagem verdejante. Com a música nos ouvidos, avançava a um ritmo bastante bom. As suas passadas eram rápidas, a sua respiração, controlada: dali a duas semanas, correria na Maratona de Boston. Estava pronta.

Teve a sensação de aquele ser um dia perfeito: o sol nascente enchia de brilho os campos de flores selvagens, por trás dos quais se erguia a imensa floresta de White Mountain.

Chegou rapidamente à estação de serviço de Lewis Jacob, a exatos sete quilómetros de sua casa. Inicialmente, não previra ir mais longe; no entanto, decidiu prolongar um pouco mais o esforço. Ultrapassou a estação de serviço e continuou até ao cruzamento de Grey Beach. Então, cortou para a estrada de terra que os veraneantes tomavam de assalto nos dias demasiado quentes. Ia dar a um parque de estacionamento onde começava um atalho pedestre que se embrenhava na floresta de White Mountain e levava a uma extensa praia de seixos à beira do lago Skotam. Ao atravessar o parque de estacionamento de Grey Beach, viu, sem lhe prestar atenção, um descapotável azul com

uma matrícula de Massachusetts. Enfiou-se pelo caminho e dirigiu-se para a praia.

Estava a chegar ao limiar do arvoredo, quando se apercebeu, na praia, de um vulto que a fez parar de imediato. Precisou de alguns segundos para se dar conta do que estava a acontecer. Ficou paralisada de medo. Ele não a tinha visto. Acima de tudo, tentou não fazer barulho, não revelar a sua presença: se a visse, era certo que iria atrás dela também. Escondeu-se atrás de um tronco.

A adrenalina devolveu-lhe a força para rastejar discretamente no atalho; depois, quando se achou fora de perigo, fugiu o mais rápido que conseguiu. Correu como nunca tinha corrido. Tinha saído sem o telemóvel de propósito. Estava tão arrependida!

Regressou à Estrada Nacional 21. Esperava que passasse algum carro: mas nada. Sentia-se sozinha no mundo. Então, sprintou até à estação de serviço de Lewis Jacob. Aí, encontraria ajuda. Quando, por fim, lá chegou, sem fôlego, encontrou a porta fechada. Mas, vendo o dono da bomba de gasolina no interior, bateu até ele abrir. Precipitou-se para ele a gritar:

«Chame a polícia! Chame a polícia!»

EXCERTO DO RELATÓRIO POLICIAL  
INTERROGATÓRIO DE PETER PHILIPPS

*[Peter Philipps é agente da polícia de Mount Pleasant há cerca de quinze anos. Foi o primeiro polícia a chegar ao local do crime. O seu testemunho foi recolhido em Mount Pleasant, a 3 de abril de 1999.]*

Quando ouvi a chamada da central sobre o que estava a passar-se em Grey Beach, achei que tinha percebido mal. Pedi ao operador para repetir. Eu estava na área de Stove Farme, que não fica muito longe de Grey Beach.

*Foi lá ter diretamente?*

Não, parei primeiro na estação de serviço da Estrada Nacional 21, de onde a testemunha tinha telefonado para o número de emergência. Tendo em conta a situação, parecia-me importante falar com ela antes de intervir. Saber o que me esperava ao pé do lago. A testemunha em questão era uma jovem aterrorizada. Contou-me o que acabara de se passar. Em quinze anos deste trabalho, eu nunca me tinha deparado com uma situação assim.

*E depois?*

Fui de imediato para o local.

*Sozinho?*

Não tinha outra opção. Não havia um minuto a perder. Tinha de o encontrar antes de ele fugir.

*Que se passou a seguir?*

Acelerei como um doido, da estação de serviço até ao parque de estacionamento de Grey Beach. Chegando aí, reparei num descapotável azul com uma matrícula de Massachusetts. A seguir, agarrei na espingarda e enfiei-me no atalho que vai dar ao lago.

*E...?*

Quando me aproximei da praia, ele ainda ali estava, agarrado à pobre rapariga. Gritei para que parasse. Levantou a cabeça e fixou os olhos em mim. Começou a vir lentamente na minha direção. Percebi logo que era ele ou eu. Quinze anos de serviço, e nunca tinha disparado. Até essa manhã.

---

PRIMEIRA PARTE

Consequências do Sucesso

Uma neve primaveril caía sobre os enormes barracões à beira do rio São Lourenço, que abrigavam os estúdios de cinema. Era ali que se filmava, há já alguns meses, a adaptação cinematográfica do meu primeiro romance, *G de Goldstein*.

---

## CAPÍTULO 1

### *Depois do Caso Harry Quebert*

*Montreal, Quebeque.  
5 de abril de 2010.*

Por acaso, o calendário quis que o início das filmagens coincidisse com a publicação de *A verdade sobre o caso Harry Quebert*. Apoiado pelo meu triunfo em livraria, o filme suscitava já o entusiasmo geral, e as primeiras imagens tinham causado burburinho em Hollywood.

Enquanto, lá fora, um vento frio fazia rodopiar os flocos de neve, no interior dos estúdios julgar-se-ia estar a meio do verão: no cenário de uma rua frequentada cujo realismo era impressionante, os atores e os figurantes, iluminados por poderosos holofotes, pareciam ser atingidos por um sol ardente. Era uma das minhas cenas preferidas do livro: na esplanada de um café, no meio de uma multidão de transeuntes, os dois protagonistas, Mark e Alicia, encontram-se, finalmente, depois de não se verem há vários anos. Não têm necessidade de falar, os seus olhares

bastam para recuperar o tempo que perderam um sem o outro.

Sentado atrás dos monitores, eu seguia a presa.

«Corta!», exclamou, de repente, o realizador, rompendo aquele instante de graça. «Está bom.» Ao seu lado, o primeiro assistente repercutiu a ordem por rádio. «Está bom. Acabou por hoje.»

De imediato, o *plateau* transformou-se num formigueiro: os técnicos voltaram a embalar o material, enquanto os atores regressavam aos camarotes sob os olhares desiludidos dos figurantes, que ansiavam por uma troca de palavras, uma fotografia, um autógrafo.

Quanto a mim, deambulei pelo cenário. A rua, os passeios, os candeeiros, as vitrinas: parecia tudo tão real. Entrei no café, cheio de admiração pelo cuidado dado aos pormenores. Tinha a sensação de passear no meu romance. Enfiei-me no balcão a transbordar de sanduíches e bolos: tudo o que se podia ver no ecrã devia parecer verdadeiro.

A minha contemplação durou pouco tempo. Uma voz arrancou-me aos meus pensamentos:

— Está a servir, Goldman?

Era Roy Barnaski, o excêntrico CEO da Schmid & Hanson, a editora que me publicava. Tinha chegado de Nova Iorque nessa mesma manhã, sem avisar.

— Um café, Roy? — propus, pegando numa chávena vazia.

— Dê-me antes uma dessas sanduíches, estou a morrer de fome.

Eu ignorava se os produtos eram comestíveis, mas, sem me preocupar com isso, ofereci a Roy uma sanduíche de peru e queijo.

— Sabe, Goldman — disse-me ele, depois de morder gulosamente as grossas fatias —, este filme vai ser um sucesso! Além disso, estamos a preparar uma edição especial de *G de Goldstein*; vai ser incrível!

Aqueles que, de entre vocês, leram *A verdade sobre o caso Harry Quebert* conhecem perfeitamente as minhas relações ambivalentes com Roy Barnaski. Quanto aos outros, basta saberem que as afinidades com os seus autores variavam em função do dinheiro que deles extraía. No meu caso, apesar de, há dois anos, ele me desprezar por eu não ter entregado o meu romance a tempo, as vendas recorde de *A verdade sobre o caso Harry Quebert* conferiram-me, daí em diante, um lugar privilegiado no seu panteão das galinhas de ovos de ouro.

— Deve estar nas nuvens, Goldman — continuou Barnaski, que não parecia dar-se conta de que estava a importunar-me. — O sucesso do livro, e agora este filme. Lembra-se, há dois anos, quando revolvi céus e terra para que fosse a Cassandra Pollock a representar o papel de Alicia e você se fartou de me criticar? Olhe como valeu a pena! Toda a gente diz que ela está incrível!

— Não me lembro de outra coisa, Roy. Fez com que toda a gente acreditasse que eu e ela tínhamos uma relação.

— E veja o resultado! Tenho sempre boas intuições, Goldman! É por isso que sou o chefe! Bom, mas vim aqui para lhe falar de um assunto importantíssimo.

No momento em que o vi chegar inesperadamente à rodagem, soube que ele não tinha ido a Montreal sem uma boa razão.

— De que se trata? — perguntei.

— É uma novidade de que vai gostar, Goldman. Querria dar-lha ao vivo.

**O regresso do grande fenómeno literário dos últimos anos, num *thriller* aguardado por mais de quinze milhões de leitores em todo o mundo: a sequência de *A verdade sobre o caso Harry Quebert* e *O livro dos Baltimore*.**

«Sei o que fizeste.» Esta mensagem é a chave da apaixonante investigação que volta a reunir Marcus Goldman e Perry Gahalowood, onze anos depois de terem colocado atrás das grades os presumíveis culpados de um homicídio.

Abril de 1999, Mount Pleasant, uma pacata povoação de New Hampshire: o corpo de Alaska Sanders, que chegara à localidade havia pouco tempo, é encontrado na margem de um lago. A investigação é rapidamente encerrada e arquivada. Mas um novo episódio trágico vem ensombrar as conclusões em torno da morte da jovem mulher.

No começo de 2010, o caso vem novamente à tona. Gahalowood, sargento da Polícia de New Hampshire, recebe uma carta anónima que o deixa perturbado. Estava convencido de que tinha, à época, resolvido o crime — terá, afinal, seguido uma pista falsa?

A única pessoa que o pode ajudar a descobrir a verdade é Marcus Goldman, escritor seu amigo que acaba de alcançar um sucesso tremendo. À medida que ambos descobrem quem era, realmente, Alaska Sanders, regressam todos os fantasmas do passado. E entre eles está o de Harry Quebert.

Uma intriga viciante, com reviravoltas surpreendentes a suceder-se a um ritmo imparável, como é apanágio de Joël Dicker, um dos grandes mestres do mistério literário.



**«Joël Dicker é um fenómeno planetário.» *EL PAÍS***

**AUTOR MULTIPREMIADO:  
GRANDE PRÊMIO DE ROMANCE DA ACADEMIA FRANCESA  
PRÊMIO GONCOURT DES LYCÉENS  
PRÊMIO LIRE**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f alfaguaraeditora  
@ penguinlivros

ISBN 9789897876028



9 789897 876028 >